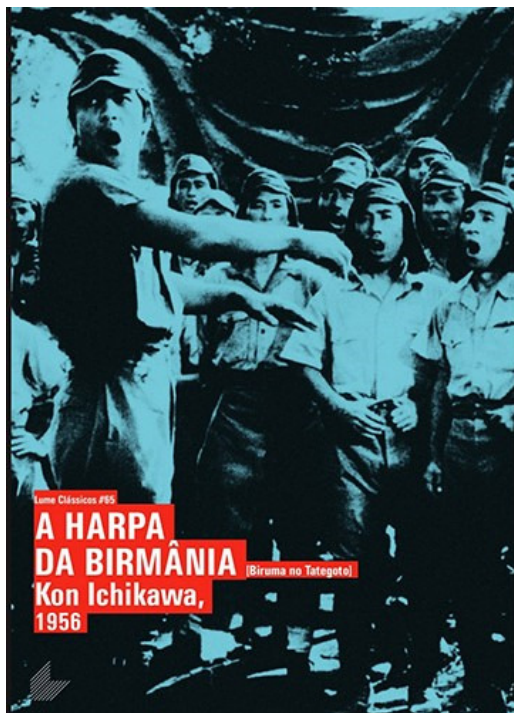


A HARPA DA BIRMÂNIA



Na Birmânia, logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, um grupo de soldados japoneses, liderados por um oficial que na vida civil era músico (e que ensinou seus comandados a cantar), rende-se às tropas britânicas. O oficial então pede ao harpista, o soldado Mizushima (Yasui), que tente convencer outro grupo de soldados que se recusa a se render. O fracasso da tentativa leva Mizushima a tornar-se um monge budista.

Baseado no livro homônimo de Michio Takeyama, “A Harpa da Birmânia” foi o primeiro filme a projetar Kon Ichikawa no cenário internacional. Considerado um dos clássicos do cinema japonês da década de 50, este filme é um musical melancólico, uma elegia ao fracasso do sonho imperialista nipônico e ao sonho de um mundo mais humano e misericordioso.

Apesar das boas intenções aparentes do diretor e do roteirista, esta obra pode ser melhor descrita como um melodrama antibelicista açucarado e pueril. É fácil constatar certas hipocrisias: os britânicos deram trinta minutos de prazo ao emissário – o que evidentemente parecia ser muito pouco – e abriram fogo com ele ainda no local, numa evidente alegoria de que os aliados não deram tempo suficiente para o Japão reconhecer a derrota e render-se, sem necessidade das bombas atômicas. E, ainda assim, não se manifesta em momento algum nenhum rancor para com os britânicos.

É bastante irônico que a única mulher no filme seja uma birmanesa idosa, que é muito gentil com os nipônicos (referindo-se a eles como “meus netos japoneses”), já que sabemos perfeitamente das incontáveis e inimagináveis atrocidades cometidas pelas forças de ocupação japonesas contra os civis, inclusive as milhares de mulheres e meninas que foram estupradas e prostituídas em praticamente todos os países ocupados.

Enquanto todos os soldados japoneses estão felizes por voltarem para casa, Mizushima é o único que sofre um impacto emocional pela guerra, produzido não pelo morticínio indiscriminado e pelos sofrimentos impostos aos países envolvidos, mas apenas pela visão de cadáveres japoneses, como se apenas eles tivessem sofrido na guerra.

Enfim, Kon Ichikawa pode ser um gênio, o filme pode ter um lirismo extraordinário, mas ele fede a nacionalismo japonês mal resolvido.

P.S. - Não sabia que era tão fácil se tornar um monge budista: é só roubar a roupa de um enquanto ele estiver tomando banho.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: "Biruma no tategoto".

Elenco: Rentarô Mikuni, Shôji Yasui, Jun Hamamura e Tatsuya Mihashi.

Diretor: Kon Ichikawa.

Ano: 1956.

Premiação:

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- No Brasil, o filme também é conhecido como “Não Deixarei os Mortos”.
- Foi indicado ao Oscar® de Melhor Filme Estrangeiro de 1957.
- Kon Ichikawa refilmou uma versão colorida com outros atores em 1985.
- Kon Ichikawa declarou que o livro em o que o filme se baseou tinha um enfoque fantástico, que foi totalmente banido do filme.
- A trilha sonora deste filme utiliza muitos trechos das músicas do filme Godzilla, de 1954 – ambas foram assinadas por Akira Ifukube.
- O filme seria gravado em cores, mas o diretor Kon Ichikawa ficou preocupado com a possibilidade da enorme câmera colorida se quebrar nas locações e ele então preferiu gravar em preto e branco.

FUROS:

- É evidente até para um leigo que o som da harpa é dublado, já que um instrumento tão rústico não poderia produzir os sons que aparecem no filme.
- Os britânicos bombardeiam a caverna onde estão os japoneses irredutíveis, que anteriormente já se observara ser enorme e profunda, mas todos eles (uns quinze) morrem junto à sua entrada e o único sobrevivente é justamente o emissário. É sério isso?